



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
BEATRIZ LUIZ PINTO

ANÁLISE DO LIVRO O PEQUENO PRÍNCIPE PELO VIÉS DA ALEGORIA

Tubarão
2020



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
BEATRIZ LUIZ PINTO

ANÁLISE DO LIVRO O PEQUENO PRÍNCIPE PELO VIÉS DA ALEGORIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Fábio Ballmann, Me.

Tubarão

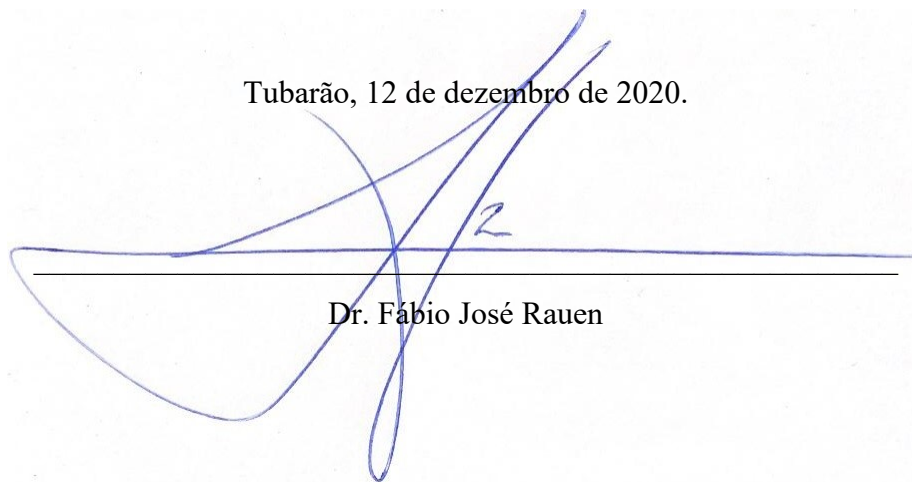
2020

BEATRIZ LUIZ PINTO

ANÁLISE DO LIVRO O PEQUENO PRÍNCIPE PELO VIÉS DA ALEGORIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa em 8 de dezembro de 2020 por banca formada pelos professores Fábio Ballmann (presidente da sessão), Chirley Domingues (avaliadora) e Heloisa Juncklaus Preis Moraes (avaliadora); e foi aprovado em sua versão final em 12 de dezembro de 2020 pelo professor Fábio Ballmann (orientador) e pelo professor Fábio José Rauén (professor da Unidade de Aprendizagem Trabalho de Conclusão de Curso II), que assina a presente declaração representando os avaliadores e a Coordenação do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 12 de dezembro de 2020.



Dr. Fábio José Rauén

Dedico esta pesquisa a minha família, por acreditar e investir em mim. Mãe, seu cuidado e carinho foram o que me mantiveram no foco. Pai, sua presença e dedicação me deram a certeza de que não estava sozinha nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por estar presente em todos os momentos de minha vida, concedendo-me força, saúde e sabedoria, para não fraquejar nas horas difíceis.

Um agradecimento especial a meus pais pelo amor, pelo companheirismo e por acreditar no meu potencial, apoiando-me de forma incondicional durante essa trajetória acadêmica, estimulando-me a não desviar do caminho traçado.

Agradeço ao meu orientador, professor Fábio Ballmann, por disponibilizar seu tempo, conhecimento e atenção no decorrer da pesquisa, contribuindo para a conclusão desse estudo.

Ao corpo docente desta Universidade, que com afinho, oportunizaram-me um novo horizonte, com novos conhecimentos e experiências, com dedicação integral. Tudo foi de grande valor ao processo pedagógico.

E, por fim, aos amigos de cursos e outros que, de alguma forma, colaboram para a busca do conhecimento.

“O verdadeiro amor nunca se desgasta. Quanto mais se dá mais se tem. Por isso nunca se canse de amar, algum dia você verá os grandes frutos do seu amor que foi sempre cultivado” (Antoine de Saint-Exupéry).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca analisar as alegorias na obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry que evidenciam elementos de valor ético. A metodologia de pesquisa utilizada foi do tipo bibliográfica, recorrendo à obra do próprio autor, teses e artigos, literatura relacionadas ao tema proposto. A pesquisa investiga os conceitos de ética, valor e valor ético. Depois, apresenta um estudo da figura de linguagem alegoria, seu conceito e tipologia. Posteriormente, seleciona da obra escolhida a figura do Amor, da Amizade e do Ato de Aprender, como passagens que podem ser alegoricamente interpretadas como propostas de transmissão de valores éticos.

Palavras-chave: Alegoria. *O Pequeno Príncipe*. Valor Ético.

ABSTRACT

The present work of conclusion of the course seeks to analyze the allegories in the work *The Little Prince* by Antoine de Saint-Exupéry that evidence elements of ethical value. The research methodology used was bibliographic, using the author's own work, theses and articles, literature related to the proposed theme. The research investigates the concepts of ethics, value and ethical value. Then, it presents a study of the allegory language figure, its concept and typology. Later, he selects from the chosen work the figure of Love, Friendship and the Act of Learning, as passages that can be allegorically interpreted as proposals for the transmission of ethical values to adults.

Keywords: Allegory. *The Little Prince*. Ethical Value.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	ÉTICA, VALOR E VALOR ÉTICO	11
2.1	ÉTICA.....	11
2.2	VALOR.....	13
2.3	VALOR ÉTICO	15
3	ALEGORIA.....	17
3.1	ASPECTOS HISTÓRICOS DA ALEGORIA.....	17
3.2	CONCEITO DE ALEGORIA.....	19
3.3	ALEGORIA DOS POETAS	21
4	ALEGORIAS COM VALOR ÉTICO EM <i>O PEQUENO PRÍNCIPE</i>.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso pretende analisar alegorias encontradas no livro *O Pequeno Príncipe* e descobrir se é possível utilizá-las no processo educacional no que se refere a valores éticos aplicáveis em sociedade.

Partindo de uma proposta de evolução educacional na produção de materiais possíveis para a educação ética, o referido estudo busca compreender a escrita de Antoine de Saint-Exupéry e indicar o conteúdo moral de sua ficção.

O Pequeno Príncipe, publicado em 1943, é uma das obras literárias mais traduzidas mundialmente, sugerido como leitura em diversas partes do globo, complementando a educação escolar infantojuvenil pela simplicidade de seu conteúdo. O simbolismo presente em sua escritura faz com que o leitor adentre de forma fantasiosa o ambiente dos personagens, fazendo da leitura uma viagem extremamente prazerosa.

Uma das riquezas da obra são suas passagens alegóricas, possíveis de interpretações. Para entender os estímulos propostos pelo autor, será necessário compreender a fantasia da obra. Uma sociedade organizada, ainda que pautada em costumes e leis, necessita que a essência humana seja alimentada com conteúdos que favoreçam sua evolução. Assim, o livro de Saint-Exupéry pode colaborar com o progresso pedagógico social. A dúvida da pesquisa se instalou exatamente no poder de alcance da mensagem implícita em *O Pequeno Príncipe*.

Esse estudo se justificou por se tratar de uma literatura com um conteúdo emblemático, rico em alegoria e simbolismo. Na alegoria, é necessária uma interpretação integral do tema proposto para compreender o sentido figurado das palavras, o que difere do simbolismo, no qual a compreensão da essência da linguagem está explícita na composição.

O tema proposto nesse estudo se funda na possibilidade de inserção das mensagens dispostas nas alegorias presentes na obra serem empregadas na organização social humana. Assim, como objetivo geral, busca-se analisar o livro *O Pequeno Príncipe* pelo viés da alegoria. Como objetivos específicos, procura-se: a) conceituar a figura de linguagem alegoria; b) apresentar algumas das alegorias presentes na obra *O Pequeno Príncipe*, e; c) examinar sua forma de aplicação no cotidiano.

O método de abordagem foi do tipo dedutivo, partindo do conceito da figura de linguagem alegoria, analisando também estudos vinculados ao tema proposto, sempre do âmbito geral para o específico. Foi utilizado o método de procedimento do tipo monográfico.

A pesquisa, quanto ao objetivo, foi do tipo exploratório. Quanto aos procedimentos, foram analisadas fontes bibliográficas selecionadas a partir da afinidade com o tema.

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos.

Nesse primeiro capítulo são introduzidos a delimitação do tema, a formulação do problema, a justificativa, os objetivos e a metodologia de pesquisa utilizada. O segundo capítulo busca esclarecer o conceito de ética, valor e valores éticos. O terceiro capítulo apresenta a origem da figura de linguagem Alegoria, seu conceito e tipologia. No quarto capítulo são apresentadas as figuras alegóricas do Amor, da Amizade e do Ato de Aprender que foram identificadas e selecionadas na obra *O Pequeno Príncipe* que, em possível interpretação, possuem valores éticos. O quinto capítulo encerra o trabalho, com as considerações finais acerca da pesquisa.

2 ÉTICA, VALOR E VALOR ÉTICO

O ser humano vive em busca de conhecimento para melhorar seu comportamento social, e para isso, norteia-se em valores para suas tomadas de decisões. A obra de Saint-Exupéry apresenta as convivências do personagem principal, que dá nome ao livro, com diversas criações coadjuvantes, e desses relacionamentos se espera obter uma resposta para o problema da pesquisa.

A vida em sociedade se sustenta no aprendizado que o indivíduo adquire passando pela vontade determinante de compreender o conteúdo que lhe foi apresentado e saber aplicá-lo no dia a dia. Assim, no desenvolvimento do estudo proposto, torna-se necessário discorrer sobre ética, valores e valores éticos.

2.1 ÉTICA

O conceito de Ética vem sendo tratado de diferentes modos por autores, tendo como senso comum que se trata da ciência que estuda o comportamento humano em sociedade.

A Ética, do grego *ethos*, define-se de duas maneiras. A primeira diz respeito ao caráter e modo de agir do ser humano e a segunda indica que deve ser realizada de forma habitual. (DIAS, 2014)

Segundo Izycki (2004, p. 3), é correto conceituar a ética como:

A ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. É uma ciência, pois tem objeto próprio, leis próprias e método próprio. O objeto da ética é a moral. A moral é um dos aspectos do comportamento humano. A expressão moral deriva da palavra romana *mores*, com o sentido de costumes, conjunto de normas adquiridas pelo hábito reiterado da sua prática. Com maior precisão, o objeto da ética é a moralidade positiva, isto é, “o conjunto de regras de comportamento e formas de vida através das quais tendo o homem a realizar o valor do bem”.

Aristóteles classifica a ética como uma ciência prática, pois é uma doutrina que procura compreender o ato do indivíduo como um propósito. Na ética, “a ação é realizada pela vontade guiada pela razão para alcançar o bem do indivíduo, sendo este bem as virtudes morais”. (CHAUI, p. 48, 2000)

Para Valls, contudo, ética não é algo simples de analisar.

Ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que são, mas que não são fáceis de explicar, quando alguém pergunta. Tradicionalmente ela é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. (VALLS, 1986, p. 7)

Segundo Valls, a ética trata do estudo ou reflexões sobre as ações humanas. Chauí, de modo oposto, assegura que “a ética é normativa”, pois seu regramento visa “impor limites e controles ao risco permanente da violência.” (CHAUÍ, p. 193, 2000), uma violência não apenas física, mas de qualquer tipo (bullying, discriminação, aliciamento, etc.), pois a ética, em seu controle social, funda-se no emprego do que considera boas condutas.

Valls afirma ainda que em seu modo de agir, o ser humano tem a liberdade de escolha em seguir determinado preceito imposto pela sociedade, porém seguir ou não a norma exigida o leva a duvidar da real liberdade humana, pois o indivíduo é livre para desobedecer ou não uma diretriz. Entretanto, seguir um preceito imposto pela coletividade humaniza nossas ações (VALLS, 1986). Desse modo, a ética é tratada como uma ciência que busca estudar a conduta humana e sua moralidade.

Martini, citado por Dias, sustenta que uma sociedade ética:

Significa uma sociedade bem ordenada, uma boa sociedade. Indica os comportamentos que numa sociedade, na sua sabedoria e experiência, considera positivos para a ordem social, para o progresso e o aumento do bem-estar de todos. Tais comportamentos são precisamente “éticos” ou seja, eticamente honestos. (MARTINI, 1993, p.9, *apud* DIAS, 2014, p. 94)

Izycki (2004) contribui ainda ao afirmar que a ética é um preceito que regulamenta a existência do indivíduo, revelando como deve se portar frente à sociedade, desenvolvendo a moral e influenciando sua conduta.

Chauí trata a ética como um “estudo dos valores morais (as virtudes), da relação entre vontade e paixão, vontade e razão; finalidades e valores da ação moral.” (CHAUÍ, 2000, p. 67)

Uma vez que na sociedade é correto afirmar que a ética é uma regra social, Izycki diz que “Todo juízo normativo é regra de conduta, mas nem toda regra de conduta é uma norma. Pois algumas regras de conduta têm caráter obrigatório, enquanto outras são facultativas.” (IZYCKI, 2004, p. 09)

Portanto, analisando os ensinamentos apresentados, é possível conceituar a ética como uma ciência normativa que busca a reunião de princípios que direcionam as atitudes no meio social, sendo a prática destes princípios o seu fim.

Na sequência da pesquisa, busca-se esclarecer o conceito de valor.

2.2 VALOR

O personagem principal da obra *O Pequeno Príncipe*, durante sua viagem, deparou-se com inúmeras personalidades diferentes. Cada uma possuía uma peculiaridade, que o faz mensurar essa individualidade. O homem de negócios, por exemplo, por ser muito ocupado, “não levantou sequer a cabeça” para cumprimentar o visitante. Esse homem de negócio valorizava sua riqueza, que eram as estrelas, sem tempo para apreciar sua beleza. (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 36)

O exemplo ilustra que valor é um conceito muito subjetivo, pois depende exatamente de quem opera e considera determinada apreciação. Desde o nascimento, o ser humano herda da sociedade valores que pode praticar durante a sua vida, porém, cabe a cada indivíduo a aplicação ou não dessa serventia.

Nesse sentido, Izycki (2004) assegura que, apesar de inúmeras alternativas, a escolha de um valor leva em consideração uma constituição favorável ou não do ponto de vista do sujeito.

Esse ponto de vista subjetivo fica claro em Abbagnano, que afirma: “O valor de um homem, como de todas as outras coisas, é seu preço, o que poderia ser pago pelo uso de suas faculdades: portanto não é absoluto, mas depende da necessidade e juízo do outro.” (ABBAGNANO, 2007, p. 989)

É correto afirmar que o sentido de valor se modifica na sociedade, sendo possível que uma situação que antes era considerada reprovável, com a evolução social passe a ser aceitável ou vice-versa. (CHAUI, 2000)

Sendo assim, a definição de valor passa necessariamente por todas as atividades humanas, pois dá-se valor tanto às coisas visíveis como invisíveis, considerando-as positivas ou negativas. (CECHINEL, 2018)

Vazquez conclui:

Que o valor não é propriedade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças a sua relação com o homem como ser social. Mas, por sua vez, os objetos podem ter valor somente quando dotados realmente de certas propriedades objetivas. (VAZQUEZ, 2003 *apud* IZYCKI, 2004)

Lucas e Passos sustentam ser um bom conceito de valor aquele que possibilita uma escolha dentre tantas possíveis numa mesma situação, condicionando ao possuidor determiná-la de forma subjetiva, sem levar em conta o anseio social. (LUCAS; PASSOS, 2015). Eles asseguram que valores:

Não são considerados elementos que existem em si, mas elementos qualificadores que necessitam de um ente depositário, como, por exemplo, o valor beleza que é creditado a um vestido e o valor utilidade que é atribuído a uma determinada ferramenta. (LUCAS E PASSOS, 2015)

No dia a dia, de forma habitual, emite-se um conceito valorativo de pontos de vista, comportamentos ou objetos. Mas ao fazer essa análise, atribui-se um valor positivo ou negativo: essa valoração pertence exclusivamente ao sujeito. (LUCAS; PASSOS, 2015)

Dewey conceitua valor como:

Tudo aquilo que se presume, tenha legítima autoridade na orientação da conduta. (1960, p. 256). Para ele, os valores não se restringem a coisas, mas se aplicam a todo campo real e possível de experiência, advindo do interesse humano [...] e defende a ideia de que não pode haver valores reais independentemente de interesses ou preferências. (DEWEY, 1960 *apud* LUCAS e PASSOS, 2015)

Considerando Dewey, Kluckohn e Morris, Abbagnano ratifica:

1º O Valor não é somente a preferência ou o objeto da preferência, mas é o preferível, o desejável, o objeto de uma antecipação ou de uma expectativa normativa.
2º Por outro lado, não é um mero ideal que possa ser total ou parcialmente posto de lado pelas preferências ou escolhas efetivas, mas é guia ou norma (nem sempre seguida) das escolhas e, em todo caso, seu critério de juízo. (DEWEY, 1949, p. 68; KLUCKOHN e outros, 1951, p. 422; MORRIS, 1956, cap. I *apud* ABBGNANO, 2007, p. 993)

Abbagnano conceitua valor como aquilo que contempla um razoável juízo das alternativas, fazendo com que o agente possa tomar uma decisão determinada sempre que as condições se assemelham, de forma subjetiva e recorrente. (ABBGNANO, 2007). Cechinel assegura que “existência do valor não pressupõe necessariamente a de um bem. O que existe de valioso em algo tem sua fonte no valor que existe independente dela. Todos os valores que conhecemos só tem sentido em relação ao de outro” (CECHINEL, 2018)

Dentre tantas teorias, um entendimento apreciável está descrito por Maristela Assumpção Cechinel e Nicola Abbagnano: o conceito de valor passa necessariamente pelas escolhas do indivíduo, estando assim presentes na visão de mundo humana, levando em conta suas alternativas e sendo essas possibilidades sujeitas a uma análise subjetiva.

Na obra *O Pequeno Príncipe*, o autor apresenta valores em cada um dos coadjuvantes, descrevendo suas individualidades como ruins ou boas conforme o modo de agir. Isso ocorre porque analisar valores pessoais depende muito do ponto de vista do analista, pois os exemplos de valores são diferentes de pessoa para pessoa. Assim, a lista de valores é infinita, tornando-se necessário compreender o conceito de valor ético.

2.3 VALOR ÉTICO

A natureza benevolente do Pequeno Príncipe mostra muito de sua personalidade. Ele possui uma natureza autêntica, direta e por vezes, ingênua. Sua capacidade de percepção do ambiente faz com que extraia de cada cenário vivido conhecimentos necessários para o seguimento de sua jornada.

Algumas figuras que conheceu pelo caminho possuíam, sob sua ótica, valores deturpados para o bom convívio social. Entre vaidades, vícios e autoritarismo, ele se deparou também com a amizade, a compaixão e o amor. Esses últimos são considerados alguns dos pilares do bem viver em sociedade.

O ser humano convive com situações no cotidiano em que necessita colocar em prova sua conduta, utilizando sua consciência e senso ético para validar suas ações, estando ciente de sua responsabilidade nas consequências. Necessariamente, quando se faz uma análise e aplica-se um juízo, esses podem ser normativos, a enunciar “normas que determinam o dever ser de nossos sentimentos, nossos atos, nossos comportamentos. São juízos que enunciam obrigações e avaliam intenções e ações segundo o critério do correto e do incorreto”. (CHAUI, 2000)

Assim, em sua criação, o indivíduo é educado para cultivar bons valores e aplicá-los na sociedade em que convive, definindo os valores que deve seguir e aqueles que devem ser evitados, perpetuando entre gerações os valores éticos, cabendo à sociedade da época a sua manutenção ou não. (CHAUI, 2000)

Sobre valores éticos, Lucas e Passos ensinam que:

Podem exercer uma força impositiva que pressiona (implicitamente) as pessoas a arbitrarem determinados julgamentos, ainda que, em última análise, os juízos arbitrados possam ser diferentes de sua vontade individual. Julgar, pois, uma atitude e classificá-la como honesta ou desonesta, correta ou incorreta, não depende diretamente das vontades subjetivas. Há sistemas de valores (como os éticos) que, consciente ou inconscientemente, conduzem ou direcionam o julgamento. (LUCAS e PASSOS, 2015, p. 145)

Longo (2020) esclarece que valores éticos “são considerações ideais que funcionam como guias do comportamento, para assim regular a conduta do ser humano.” Esse mesmo autor assegura que, ainda que a percepção de valores éticos se modifique com o passar dos tempos, são essas concepções que contribuem para que o indivíduo possa distinguir o que é certo e o que é errado. (LONGO, 2020)

Para Valls (1986), os valores éticos estão no interior do indivíduo, e sendo assim, persiste a máxima do como se deve agir ou se deve agir por ser um dever. Ele ainda afirma que “os homens deveriam procurar, então, durante esta vida, a contemplação das ideias, e principalmente da ideia mais importante, a ideia do Bem.” (VALLS, 1986, p. 25).

Ao tratar valores éticos como guias de comportamento, Longo certifica que são conceitos que colaboram para que o indivíduo possa distinguir o adequado do inadequado, o que faz bem, daquilo que prejudica, que faz com que o indivíduo haja simplesmente por ser seu dever. (LONGO, 2020)

Enquanto Longo (2020) assegura que valores éticos são uma ponderação cultural das normas e preceitos de determinados grupos, Valls (1986) afirma que essas virtudes são universais.

Diante dos fundamentos pesquisados, é possível creditar a Chauí e Longo o conceito de que valores éticos correspondem à reflexão que indivíduo deve ter sobre o que deve considerar certo e errado como forma comportamental na sociedade, pois é esse discernimento que permite ao ser humano enfrentar o seu dia-a-dia em equilíbrio com o meio social, baseando-se em valores que colaboram com seu bem viver numa comunidade.

Na obra de Saint-Exupéry, o Pequeno Príncipe faz uma peregrinação por planetas que pode ser tratada de forma simbólica. Esse simbolismo é reconhecido como alegoria. Uma vez que a figura de linguagem alegoria faz parte da pesquisa, torna-se essencial dedicar um capítulo específico ao tema, sendo apresentado na sequência.

3 ALEGORIA

Saint-Exupéry apresentou uma trama rica em reflexões, com um enredo fácil, porém de uma subjetividade peculiar. A história retrata a viagem de um pequeno herói em busca do belo no que é simples, da sincera amizade e do verdadeiro amor: uma fábula repleta de indagações. Na busca de uma possível interpretação, esta parte do trabalho busca investigar a Alegoria, apresentado um estudo sobre essa figura de estilo.

3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ALEGORIA

A figura de linguagem *Allegoria* vem sendo utilizada como um ornamento da oratória, bem como um recurso retórico na produção literária desde a era medieval. Palavra de origem grega, o termo alegoria é a junção das palavras *allós* – outro, e *agourein* – falar, constituindo uma forma de expressão (HANSEN, 2006). Os greco-romanos trataram essa figura como um adorno ao discurso jurídico e poético, não transpondo sua interpretação além da linguística, deixando de existir qualquer excelência em suas alegorias. (HANSEN, 2006)

Com o passar dos tempos e a evolução do discurso, a alegoria foi devidamente bem empregada no passado pelos gregos, através do filósofo Platão em *República* e por Plutarco em *Da Leitura dos Poetas*. Utilizavam-na para conferir beleza, expressividade e sugestões nas suas composições, sendo que, para os “Antigos”, tratava-se de expressões com significados ocultos. (MASSUD, 2004)

Pertenceu a Coráx e Tísias (séc. V a. C.) a concepção da eloquência e essa foi requintada pelos mestres da retórica e oratória, os sofistas. Esses professores ensinavam sua arte utilizando métodos de convencimentos sem considerar a verdade no conteúdo discutido. Para os filósofos Platão e Sócrates, os sofistas eram apenas enganadores que visavam à manipulação em seus discursos, sem procurar a razão. (KOTHE, 1986 *apud* SOUZA, 2011) Coube a Aristóteles criar uma harmonia entre os discursos argumentativos dos filósofos e as oratórias envolventes dos sofistas. Com Aristóteles, a arte de discursar através da retórica valorizou a razão cultivada pelos filósofos, deixando de ser uma forma de enganar para impor a verdade na sua elocução. (SOUZA, 2011)

Kothe diz que:

Para Aristóteles, a retórica era uma parte da dialética: sendo a verdade demasiado débil para se impor, precisava contar com um instrumento que a tornasse mais eficaz. De um instrumento da verdade, a retórica tornou uma finalidade em si e, depois, um mero instrumento de persuasão, já não mais preocupado com a verdade. Ou melhor: tornou-se cabal demonstração da verdade entendida como vontade de poder. Essa deturpação já estava contida em potencial na Arte retórica, de Aristóteles, pois grande preocupação deste se voltava para os vários tipos de público, para o modo de como melhor atingi-lo. A persuasão, o exercício da vontade, tornou-se essência da retórica. (KOTHE, 1986, p. 8 *apud* SOUZA, 2011, p. 16)

De modo diverso, para Souki, a figura alegórica surgiu de uma necessidade da humanidade em desvendar os significados das mensagens existentes nos hieróglifos egípcios, uma vez que, reconhecidos como a essência do saber divino, necessitavam serem devidamente interpretados. (SOUKI, 2006)

Nesse sentido, Walter Benjamin revela uma enorme esperança existente na interpretação desses hieróglifos através da alegoria, pois “falar hieroglificamente não é outra coisa que desvendar a natureza das coisas divina e humanas.” (BENJAMIM, 1984, p. 192 *apud* SOUKI, 2006)

Além dos poetas, a alegoria foi aplicada também pelos teólogos, de forma recorrente, nas interpretações da Sagrada Escritura. Para Santo Agostinho, a Bíblia deveria ser apreciada de forma figurada, pois “no Velho Testamento, o Novo Testamento está dissimulado; no Novo Testamento, o Velho Testamento é revelado.”. (CEIA, 2009)

No mesmo sentido, Souki afirma que:

A alegoria manteve, apesar de sua função profana, uma forte associação com o religioso. Isso se deve ao fato de que, ao desvelar o saber divino, contido em cada um dos caracteres hieroglíficos, ela se viu envolvida com o mistério divino, sugestão que a acompanhou ao longo de sua história. (SOUKI, 2006, p. 95)

Historicamente, persas e árabes também produziram alegorias. Na Idade Moderna, ela é apreciada por Dante, em a *Divina Comédia*, e Gil Vicente, em o *Auto da Alma*, entre outros. (MASSAUD, 2004)

Compagnon assegura que a alegoria era reconhecida pelos gregos como *hyponoia*, sendo utilizada para decifrar as personificações com princípios morais nas obras de Homero. (COMPAGNON, 1999, p. 56)

A *hyponoia* era “considerada como o sentido oculto ou subterrâneo, percebido em Homero, a partir do século VI, para dar uma significação aceitável àquilo que se tornara

estranho e para desculpar o comportamento dos deuses, que parecia doravante escandaloso.” (COMPAGNON, 1999, p. 56). Eventualmente, *hyponoia* foi substituída pela expressão *allegoria*. Na sequência, busca-se uma definição de alegoria.

3.2 CONCEITO DE ALEGORIA

A Alegoria tem por característica transmitir uma mensagem que transcende o sentido literal da palavra. Ela remete a uma reflexão sobre a maneira como se desenrola uma interpretação da realidade na manifestação do imaginário de uma obra. Ela pode se manifestar nas artes plásticas de forma geral, na forma poética em versos, bem como através de esculturas, pinturas ou outras realizações, cabendo ao interlocutor sua compreensão. (MASSAUD, 2004)

Kothe (1986, *apud* NIEDERAUER, 2007, p. 69) assegura que:

A alegoria faz parte da retórica, já que, geralmente, é tida como figura de linguagem, a expressar um significado abstrato através de elementos concretos. Essa afirmativa é exemplificada com a figura da Justiça, na qual a balança, a venda dos olhos e a espada são elementos alegóricos que revelam e querem dizer alguma coisa além daquilo que à primeira vista parece.

Assim, a utilização técnica da alegoria no desenvolvimento de uma criação literária inclina-se a retratar uma ambiguidade de seu conteúdo, pois ao buscar sua interpretação, pode-se chegar a diversas conclusões, o que seguramente não findaria sua discussão.

Para Ceia, a alegoria é tratada como “aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral”. Esse autor assegura que essa figura de linguagem possui princípios morais a serem identificados na interpretação de uma obra, sendo que a alegoria possibilita sustentar a “realidade representada elemento a elemento e não no seu conjunto.” (CEIA, 2009)

Ceia afirma ainda que “a decifração de uma alegoria depende sempre de uma leitura intertextual, que permita identificar num sentido abstrato um sentido mais profundo, sempre de carácter moral.” (CEIA, 2009)

Massaud revela que a alegoria “funciona como disfarce, dissimulação, ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional.” Um conteúdo visível e outro obscuro, necessitando de um processo interpretativo. (MASSAUD, 2004)

Souki define alegoria como:

Uma figura de linguagem capaz de exprimir, de forma concreta, uma ideia abstrata. Ela é também associada a recursos expressivos que evidenciam a contraposição existente entre a ideia e a materialidade, através da personificação de uma abstração. (SOUKI, 2006, p. 93)

A alegoria constantemente requer a existência de uma conjuntura para sua compreensão, pois, uma vez que é possível reinventar suas leituras através do surgimento de novas informações inseridas no contexto, essas análises são capazes de indicar um pensamento que havia ficado oculto no primeiro exame. (SOUKI, 2006)

Hansen compreende a alegoria como uma composição que embeleza a manifestação, em especial na linguagem humana, contendo sempre uma interpretação ou uma compreensão da realidade (HANSEN, 2006). Esse autor afirma ainda que “A alegoria é a metáfora continuada como tropo de pensamento, e consiste na substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento.” (HANSEN, 2006, p.7)

Lausberg afirma que a alegoria constitui uma “espécie de discurso inicialmente apresentado com um sentido próprio e que apenas serve de comparação para tornar inteligível um outro sentido que não é expresso”. (LAUSBERG, 1966, *apud* MASSAUD, 2004)

Moisés Massaud assim a define:

A alegoria constitui, por conseguinte, uma “espécie de discurso inicialmente apresentado com um sentido próprio e que apenas serve de comparação para tornar inteligível um outro sentido não expresso” (Lausenberg 1966-1968, III: 311), - um discurso que, como revela a etimologia do vocábulo, faz entender outro [...] que fala de uma coisa referindo-se a outra, - uma linguagem que oculta outra, uma história que sugere outra. Empregando imagens, figuras, pessoas, animais, o primeiro discurso concretiza as idéias, qualidades ou entidades abstratas que compõem o outro.

O aspecto material funciona como disfarce, dissimulação, ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional. De onde exibir duplo sentido, [...]tropo equivalendo, o primeiro, ao conteúdo manifesto, e o outro, ao conteúdo latente, segundo os conceitos que Freud elaborou para interpretar o significado dos sonhos. O acordo entre o plano concreto e o abstrato processa-se minúcia a minúcia, e não em sua totalidade (MASSAUD, 2004, p. 14).

Compagnon compreende a alegoria como um recurso utilizado na compreensão de uma obra, de modo a esclarecer um conteúdo oculto que está além de seu contexto inicial. (COMPAGNON, 1999)

Portanto, com base nos ensinamentos expostos por Hansen e Massaud, é possível conceituar a alegoria como uma figura de linguagem que se manifesta de um modo persuasivo, expandindo sua mensagem muito além do sentido textual da obra. A alegoria possibilita interpretações diversas do conteúdo apresentado, seja ele literal, cultural ou em forma de oratória, pois as construções alegóricas tendem a se manifestar no sentido figurado, cabendo a compreensão da sua mensagem ao interessado.

Quanto às espécies, Hansen ensina que a manifestação alegórica ocorre de duas maneiras: pela forma de discursar e redigir ou como modo de compreender e interpretar a escrituras sagradas. Esse último tipo, conhecida como alegoria hermenêutica ou “Alegoria dos Teólogos”, trata da forma como os cristãos manipulam a interpretação dos fatos descritos na Bíblia, voltados a propagação da religião.

A primeira espécie, conhecida como “Alegoria dos Poetas”, por ser a utilizada na obra pesquisada, será melhor estudada a seguir.

3.3 ALEGORIA DOS POETAS

A “alegoria retórica” ou “dos poetas” surgiu através dos mestres da argumentação, que no período clássico utilizaram essa figura de linguagem na construção de seus contundentes mecanismos discursais, vindo a estabelecerem um conceito que foi repetido por vários pensadores. (CARVALHO, 2007)

Num momento inicial, esse conceito foi apresentado por Aristóteles como “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via da analogia”. Percebe-se, então, que o filósofo, de forma errônea, trata a alegoria como uma metáfora. (ARISTOTELES, 1989, p. 275 *apud* CARVALHO, 2007, p. 181)

Essa concepção aristotélica foi assimilada e devidamente lapidada por Cícero, que sustentou o conceito da alegoria dos poetas como uma metáfora continuada, “que produz um discurso diferente, ou seja, diz-se *b* para significar *a*”. Com Quintiliano tal ideia foi

aprimorada, pois para este latino, a alegoria “em latim *inversio*, apresenta um sentido diverso das palavras, e às vezes até contrário. A primeira forma resulta sobretudo de uma sequência de metáforas.” (QUINTILIANO *apud* HANSEN, 2006, p. 28)

Para Hansen, Quintiliano investiga o termo alegoria na origem da palavra. Hansen cita a argumentação de que a alegoria dos poetas é:

a) uma coisa (*res*) em palavras e outra em sentido; b) algo totalmente diverso do sentido das palavras.

Conforme *a*, Quintiliano alinha a metáfora, a comparação, o enigma; conforme *b*, discute o *autêismo* ou sarcasmo, o provérbio, a contradição. Sua definição de alegoria inclui a *ironia*, como tropo de oposição, uma vez que a ironia afirma para dizer outra coisa, isto é, parar negar, e vice-versa. Na linha dessa definição, ainda, a *paródia*, hoje transformada no verossímil neo-anti-pós-moderno, é também alegórica, bastando pensar que ela é representativa ou mimética sempre, fazendo falar o texto que cita, vampirizando e nega. (HANSEN, 2007, p. 29)

O mesmo Hansen observou que os religiosos do período ajustaram o conceito quintiliano de alegoria dos poetas, utilizada pelos pensadores medievais como uma forma de expressão, e passou a ser utilizada pelos padres como uma forma de interpretação alegórica das Escrituras, sendo denominada alegoria dos teólogos ou hermenêutica. Hansen diz também que esses pensadores trataram a alegoria como um tropo, ou seja, uma figura de alteração semântica. O tropo busca estender, fortalecer ou mesmo diminuir o significado das palavras, uma vez que, “o que é, pois, a alegoria senão o tropo (a partir) do qual outra coisa é dita?” (HANSEN, 2007, p. 29)

Para compreender o parágrafo acima, Hansen apresenta um conceito de tropo no glossário de sua obra, a saber:

Retoricamente, transposição semântica de um signo presente para um signo ausente. A transposição se dá por semelhança (metáfora); por inclusão (sinédoque); por causalidade (metonímia) por oposição (ironia). O estudo dos tropos é objeto de *elocução*, que também regula a ornamentação dos discursos na retórica antiga. (HANSEN, 2007, p. 230)

Utilizando-se desse conceito básico, Quintiliano busca uma definição para alegoria a partir do tropo. Em sua criação conceitual, o autor afirma que a alegoria:

Do ângulo do tropo, ela é uma transposição. Retoricamente, o tropo é a transposição semântica de um signo *em presença* (convencionado aqui por *S'*) para um signo *em ausência* (*S*²). A transposição baseia-se na relação possível entre um ou mais traços semânticos dos significados de *S'* e *S*². A relação pode ocorrer por metáfora (semelhança), por sinédoque (inclusão) [...].

Há, no tropo, uma incompatibilidade semântica, percebida pelo leitor, do *microcontexto* (o lugar ocupado por S' no enunciado) e do *macrocontexto* (as outras partes do enunciado, necessárias para determinar S^2 na leitura) [...]

A alegoria é o tropo de salto contínuo, ou seja, toda ela apresenta incompatibilidade semântica, pois funciona como transposição contínua do próprio pelo figurado. Por isso, ela é também uma espacialização prevista do inteligível (ou próprio) no sensível (ou figurado). (HANSEN, 2007, p. 30 e 31)

Freitas procura explicar essa transposição:

O sentido figurado é o sentido expresso no texto. O sentido próprio é o que se esconde por baixo do sentido figurado, é o sentido real que está oculto no texto, é um sentido não figurado e que não se expressa diretamente na leitura do texto. (FREITAS, 2014)

Por conta de uma maior ou menor clareza na relação da escrita com o sentido figurado, Hansen subdivide a alegoria dos poetas em *tota allegoria*, *permixta apertis allegoria* e *mala affectatio*. (HANSEN, 2007, p. 54)

Sobre *tota allegoria* ou alegoria perfeita, ou ainda enigma, Carvalho esclarece:

O Enigma singulariza-se pela ausência de clareza, a imagem é obscura, a analogia entre o sentido literal e o sentido figurado é cerrada, não permitindo ao ouvinte desvendar o véu figurativo, pois só quem a elabora pode revelar-lhe. Por isso é chamada “perfeita”. (CARVALHO, 2007, p. 183)

A alegoria perfeita é aquela que só pode ser compreendida pelo proponente, pois se encontra totalmente fechada em si, não apresentando qualquer referência ao conteúdo representado, também chamada de “*enigma*”, constituindo o efeito de recepção chamado *obscuritas* (*obscuridade*, *hermetismo*) que também pode ser defeito, do ponto de vista da prescrição implícita da clareza.” (HANSEN, 2007, p. 54)

Ao encontro de Hansen, Carvalho ensina que, tendo a alegoria perfeita como característica a ausência de clareza, trata-se de um erro, pois impede a persuasão do interlocutor através da retórica. (CARVALHO, 2007)

Quanto à *permixta apertis allegoria* ou alegoria imperfeita, esta é “a alegoria tida como mais didática, pois a mistura do sentido próprio e do figurado está a serviço da clareza.” (SOUZA, 2011, p. 28). Foi através da alegoria imperfeita que Cícero propôs a alegoria como uma transição do próprio para o figurado. (HANSEN, 2006)

Por sua compreensão descomplicada, a alegoria imperfeita foi eleita pelos retóricos da idade média como a figura de linguagem ideal para a realização dos discursos filosóficos, devido à criação de belos ornamentos na dispersão da oratória. (HANSEN, 2006)

Apesar da *permixta apertis allegoria* apresentar o atributo “imperfeita” em sua composição, isso não significa a existência de uma falha ou um vício, uma vez que possibilita maior compreensão quando comparada com outras alegorias retóricas. Por conta dessa clareza, a alegoria imperfeita por vezes é tratada como uma parábola, uma fábula ou um apólogo. Na criação alegórica, os discursos sem criatividade são repletos de alegorias imperfeitas, tanto na sua concepção quanto na sua recorrência e transição, sendo que, para uma boa criação alegórica, é necessária a existência da brevidade, da clareza e da verdade na exposição do discurso. (HANSEN, 2006)

Freitas explica que, como um recurso da oratória, a clareza e a brevidade são elementos determinantes para a ornamentação alegórica retórica, frisando que um discurso breve, eloquente, composto de palavras claras e de fácil assimilação faz com que o receptor da mensagem a compreenda, memorize e aceite as reflexões do orador. (FREITAS, 2014)

Por fim, Hansen apresenta a alegoria retórica da *mala affectatio* ou *inconsequentia rerum* ou simplesmente incoerência, sendo essa a figura de linguagem que se utiliza da mistura de metáforas não pertencentes ao mesmo campo semântico, com a consequência de não reunir significados em um único eixo. (HANSEN, 2006)

Para Carvalho, “a diferença entre a alegoria imperfeita e a incoerência é a distância e a aproximação dos termos da analogia.” (CARVALHO, 2007, p. 185)

Hansen afirma que a *inconsequentia rerum* “produz hibridismos ou monstros retóricos justapondo determinações distantes, inadequadas, heteróclitas”. Ainda que seja recorrente a figura alegórica da *mala affectatio*, essa não produz uma determinada combinação dos termos, prejudicando a compreensão da proposta oratória que se busca representar. (HANSEN, 2006, p. 67)

É possível que a aplicação dessa alegoria retórica possibilite a ocorrência de uma “contrariedade no gênero, não se respeitando as diferenças específicas que são condição de um conceito proporcionado ou da figuração ordenada.” (HANSEN, 2007, p. 67)

Considerando alegoria, o capítulo a seguir seleciona e analisa algumas ocorrências desse artifício presentes em *O Pequeno Príncipe*.

4 ALEGORIAS COM VALOR ÉTICO EM *O PEQUENO PRÍNCIPE*

Ao analisar as possíveis alegorias existentes em *O Pequeno Príncipe*, esse estudo buscou identificar essa figura de estilo e assim interpretar as criações de Antoine de Saint-Exupéry e verificar sua aplicação na educação social.

A obra infantojuvenil, objeto desse estudo, apresenta criações alegóricas que, ao findar trechos ou capítulos, indicam um ensinamento ético de caráter construtivo.

Para Lozardo (2014, p. 8), *O Pequeno Príncipe* é:

Um convite ao prazer, uma viagem ao mundo da fantasia, da alegoria trata-se de uma obra que faz um convite ao resgate do humanismo. Não se trata, portanto, somente de uma obra literária envolvente, mas de algo como um manual dos sentimentos onde se percebe os mais puros contornos da alma, o retrato de corpo inteiro do recôndito humano.

Lozardo analisou a criação de Saint-Exupéry sob uma ótica filosófica. Em seu artigo, afirma que ainda que a obra em questão seja direcionada supostamente a um público infantil, sua narrativa indica uma possibilidade de reflexão existencial. (LOZARDO, 2014)

Outro autor, Freitas (2015), analisou as alegorias de *O Pequeno Príncipe* e construiu seu artigo buscando responder a problemática em torno da possibilidade de fazer filosofia a partir do livro. O pesquisador afirma que:

O livro não é simplesmente uma história interessante, é também uma janela para reflexões filosóficas sustentadas pelas alegorias usadas no conjunto do escrito. É ainda, um incentivo para a construção de um sentido para a vida baseada em valores humanistas. O autor teve intenção de falar com seus leitores muito mais coisas do que simplesmente contar uma história bonita. (FREITAS, p. 27, 2015)

Freitas explica que *O Pequeno Príncipe* não se trata de uma composição extensa, repleta de ponderações exaustivas e minuciosas. O livro possibilita a busca de um aprendizado em diversas áreas. Para Freitas, “a ética, a estética, o tempo, a política e a cosmologia são outras propostas que poderiam tranquilamente fazer parte de nosso estudo.” (FREITAS, 2015)

A aplicação da literatura como um elemento de valor pedagógico só será possível quando a ficção empregada pelo autor puder exercer uma ação sobre o leitor, pois esse acabará se apropriando da fantasia para repensar sua realidade.

Sobre esse assunto, Cândido afirma que a literatura:

Serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. (CÂNDIDO, 1972, p. 805 *apud* SILVA, 2017, p. 26)

Ocorre muitas vezes que a compreensão de um texto literário está diretamente integrada à disposição do leitor de aprender, de tirar proveito do conteúdo proposto.

Em outras vezes, é necessária a dedicação e análise de terceiros, para que textos de compreensão difícil sejam devidamente esmiuçados, para ao final o pesquisador oferecer novas reflexões sobre um assunto já estudado.

Na construção dessa monografia, foi possível observar a existência de diversas alegorias interpretadas como possuidoras de valor ético. Entre as muitas possibilidades, delimitou-se a escolha em três elementos: o amor, a amizade e o ato de aprender.

A reflexão da literatura em estudo se inicia com o amor dedicado à Rosa pelo protagonista, retratado durante toda a história. No decorrer da aventura, o aviador narra passagens em que o Pequeno Príncipe admira sua flor:

Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma suas pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. No radioso esplendor da sua beleza é que ela queria aparecer. Ah! sim. Era vaidosa. Sua misteriosa toalete, portanto, durara dias e dias. (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 23)

Na formulação da alegoria, Saint-Exupéry apresenta a figura da mulher como a pequena flor, sendo o homem representado pelo Pequeno Príncipe. A relação do Pequeno Príncipe com sua Rosa é uma alegoria sobre o relacionamento de um homem com uma mulher. A mulher, assim como flor, é bela, graciosa e precisa de cuidados para que fique protegida da “geada”. Seu “príncipe” deve dedicar a sua flor a proteção que ela tanto necessita.

Nesse trecho, o autor apresenta uma *permixta apertis alegoria*, ou simplesmente uma figura alegórica imperfeita, uma vez que ocorre uma transição do sentido próprio para o figurado de forma clara, sem obstáculos para análise e interpretação do leitor.

O sentimento do amor disposto pelo personagem central e sua amada fica descrito no diálogo a seguir:

E, quando regou pela última vez a flor, e se dispunha a colocá-la sob a redoma, percebeu que estava com vontade de chorar.
- Adeus, disse ele à flor.

Mas a flor não respondeu.

- Adeus, repetiu ele.

Revolveu cuidadosamente seus dois vulcões A flor tossiu. Mas não era por causa do resfriado.

- Eu fui uma tola, disse por fim. Peço-te perdão. Trata de ser feliz.

A ausência de censuras o surpreendeu. Ficou parado, inteiramente sem jeito, com a redoma no ar. Não podia compreender essa calma doçura.

- É claro que eu te amo, disse-lhe a flor. Foi por minha culpa que não soubeste de nada. Isso não tem importância. Foste tão tolo quanto eu. Trata de ser feliz. . .

Mas pode deixar em paz a redoma. Não preciso mais dela.

- Mas o vento ...

Não estou assim tão resfriada... O ar fresco da noite me fará bem. Eu sou uma flor. - Mas os bichos...

- É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas.

(SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 28)

Uma vez que se tem na flor a figura feminina e a masculina no protagonista, o autor demonstra no relacionamento do príncipezinho com sua Rosa que existe uma fragilidade nas relações amorosas e que estas podem serem superadas. Foi a Rosa que fez o Príncipe partir, mas também foi ela quem o fez voltar, pois “é preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas”. Esse é o valor ético retirado de parte do ensinamento de Saint-Exupéry, de que o indivíduo em suas relações pode considerar o amor no trato comportamental e que esse mesmo amor seja um equilíbrio em sua vida.

Nas relações humanas toda conduta haverá de ser pautada em valores éticos e utilizar o amor como um valor ético representa desejar o melhor ao outro, permitir e se permitir a felicidade e fazer do amor uma fonte de crescimento e sabedoria. (ABBAGNANO, 2007)

O segundo elemento alegórico extraído para análise da literatura de Saint-Exupéry trata-se da amizade. Ao chegar no planeta terra, o Pequeno Príncipe encontra a Raposa:

O pequeno príncipe depois de ter vivido sua pior experiência na terra deitou na relva e chorou. Ele pensava que possuía uma rosa que era única no universo, mas quando chegou num jardim cheio de rosas percebeu que o que ele tinha era uma rosa como outras milhares de rosas daquele jardim e quem sabe de tantos outros lugares. O seu mundo caiu, pois ele se julgava importante por possuir aquela rosa única, mas agora não é mais tão poderoso como pensava. Foi nesse momento que um ‘bom dia’ interfere seus pensamentos tristes para um encontro que ia mudar a sua vida. Era uma raposa que se apresentava ao menino com o desejo de relacionar-se. (FREITAS, 2015, p. 21)

A figura da Raposa é o segundo elemento feminino disposto na obra de Saint-Exupéry. Ela busca um diálogo com o protagonista procurando criar laços afetivos:

Por favor, cativa-me! Disse ela.

- Bem quisera, disse o príncipezinho, mas eu não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.
- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!
- Que é preciso fazer? [...].
- É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos [...] teria sido melhor se voltasse à mesma hora, disse a raposa. Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde às três eu começarei a ser feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 54 e 55)

O convívio e os diálogos entre o Pequeno Príncipe e a Raposa são apresentados por Saint-Exupéry como uma alegoria sobre a amizade. Com a Raposa, o Pequeno Príncipe compreendeu a amizade como um valor ético que deve ser constantemente “cativado”, preservado e ser sempre verdadeiro, pois existe na amizade uma entrega sincera ao outro. A amizade cria no sujeito uma expectativa de felicidade e essa não se confunde com o amor, pois na amizade os indivíduos estão ligados por comportamentos harmoniosos e afeições positivas, nos quais a amizade é despretensiosa e sem interesses escusos. Desejar e praticar o bem entre amigos ocorre pela própria natureza que leva a uma amizade verdadeira, não se tratando de algo ocasional ou acidental. (ABBAGNANO, 2007)

Quando o autor descreve ainda um diálogo entre o aviador e o Pequeno Príncipe, reforça o sentido da amizade como valor, que nem o tempo e o espaço são capazes de dissolver, pois a verdadeira amizade nunca morre.

- Minha amiga raposa me disse ...
- Meu caro, não se trata mais de raposa.
- Por quê?
- Porque vamos morrer de sede ...
- Ele não compreendeu o meu raciocínio, e respondeu:
- É bom ter tido um amigo, mesmo se a gente vai morrer. Eu estou muito contente de ter tido a raposa por amiga... (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 59)

O autor, sobre a Raposa e o Pequeno Príncipe, apresenta novamente uma alegoria imperfeita, uma vez que a figura alegórica que representa a amizade é de fácil identificação.

A amizade como valor ético se funda na benevolência, na reciprocidade, na comunicação comum entre os indivíduos. Deve ser buscada e preservado para o bem comum em sociedade. (ABBAGNANO, 2007)

A última figura alegórica apresentada para a análise nessa pesquisa é o ato de aprender.

A obra de Saint-Exupéry possibilita ao adulto o aprendizado desde o início de sua leitura. Na dedicatória que o autor faz a Léon Werth, ele o descreve como uma “pessoa grande capaz de compreender todas as coisas, até mesmo os livros de criança.” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 3)

Para Abbagnano, o aprendizado ou o ato de aprender é descrito como:

Aquisição de uma técnica qualquer, simbólica, emotiva ou de comportamento, ou seja, mudança nas respostas de um organismo ao ambiente, que melhore tais respostas com vistas à conservação e ao desenvolvimento do próprio organismo. (ABBAGNANO, 2007, p. 75)

Durante suas viagens por diversos planetas, o Pequeno Príncipe deparou-se com diferentes personagens na ficção, cada qual com sua originalidade. Uma alegoria possível sobre o ato de aprender ficou disposta no diálogo do Rei com o Pequeno Príncipe:

- Eu desejava ver um pôr-do-sol ... Fazei-me esse favor. Ordenai ao sol que se ponha. . .
- Se eu ordenasse a meu general voar de uma flor a outra como borboleta, ou escrever uma tragédia, ou transformar-se em gaivota, e o general não executasse a ordem recebida, quem - ele ou eu - estaria errado?
- Vós, respondeu com firmeza o príncipezinho.
- Exato. É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar, replicou o rei. (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 32)

Apesar do Rei, na literatura disposta, ser uma figura autoritária, nessa passagem o personagem ensina ao Pequeno Príncipe que toda autoridade tem o dever de conduzir a sociedade com sabedoria e responsabilidade. Quando se fala em autoridade, esse termo é abrangente, podendo ser uma autoridade legal, acadêmica, espiritual ou governamental entre tantas outras.

Outra alegoria possível sobre o ato de aprender se encontra na passagem do Pequeno Príncipe pelo planeta habitado por um bêbado. Segundo o narrador, “esta visita foi muito curta, mas mergulhou o príncipezinho numa profunda melancolia”. (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 35)

Segue o diálogo entre os personagens:

- Que fazes aí? perguntou ao bêbado [...].
- Eu bebo, respondeu o bêbado, com ar lúgubre.
 - Por que é que bebes? perguntou-lhe o príncipezinho.
 - Para esquecer, respondeu o beerrão.
 - Esquecer o quê? indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena.

- Esquecer que eu tenho vergonha, confessou o bêbado, baixando a cabeça.
 - Vergonha de quê? investigou o principezinho, que desejava socorrê-lo.
- Vergonha de beber! concluiu o beerrão, encerrando-se definitivamente no seu silêncio.
- E o principezinho foi-se embora, perplexo. (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 36)

Nessa visita, tem-se como aprendizado que o indivíduo não pode se apegar em vícios para fugir da própria realidade, pois por maior que sejam os problemas, eles devem ser enfrentados e a vida tem que seguir em frente.

A última alegoria proposta sobre o ato de aprender ocorre na visita que o personagem central fez no planeta habitado pelo Homem de Negócios, que “estava tão ocupado que não levantou sequer a cabeça à chegada do príncipe.” (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 36). Nesse espaço, o Pequeno Príncipe observa um indivíduo que, atarefado com seus afazeres, não estava disposto a responder às indagações de seu visitante:

- Bom dia, disse-lhe este. O seu cigarro está apagado. [...]
 - Hem? Ainda estás aqui? [...]
- Não tenho tempo para passeio. Sou um sujeito sério. [...]
- Tu possuis as estrelas?
 - Sim.
 - Mas eu já vi um rei que ...
 - Os reis não possuem. Eles "reinam" sobre. É muito diferente - E de que te serve possuir as estrelas? - Serve-me para ser rico
 - E para que te serve ser rico?
 - Para comprar outras estrelas, se alguém achar. (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 37 e 38)

Do encontro com o Homem de Negócios é possível retirar alguns ensinamentos. O ser humano falha ao viver em função de enriquecer e acumular bens, não reservando momentos para dedicar à família, amigos e às coisas belas da vida, ocorrendo uma fragilidade em suas relações interpessoais. A ganância faz o homem atingir suas metas sem medir as consequências, subjugando e coagindo outrem, se necessário, na ânsia de conquistar, enriquecer. É possível trabalhar, adquirir e ter uma vida de qualidade, repassando bons ensinamentos aos seus, oportunizando a todos o mesmo benefício.

Sobre a alegoria presente nesse fragmento, mais uma vez se está diante de uma alegoria imperfeita, pois a composição do autor permite a compreensão de sua escrita, estando clara e verdadeira.

Findadas as análises das alegorias, resta responder às questões que motivaram o trabalho, o que será feito nas considerações finais, na sequência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou questionar a existência de narrativas alegóricas na obra *O Pequeno Príncipe* e se essas possuíam valores éticos que o adulto possa aplicar em sociedade.

De início, foi necessário elaborar um trajeto apropriado para discorrer sobre o objeto em análise. Procurou-se compreender conceitos inerentes a pesquisa como valor ético e alegoria, apresentando um estudo no segundo e terceiro parágrafo, para que no seguinte fossem examinados os elementos de valor educacional na obra.

O fundo ético e moral retratado no romance de Antoine de Saint-Exupéry leva a figura central do livro, que percorre sua viagem necessitando escolher bem suas decisões, o ir e vir, o amar e ser amado, o simples e o complexo, passando necessariamente pela possibilidade de livre escolha, de escolher fazer o bem confrontando o mal ou apenas abandonar o que não agrega. Cada escolha tem um custo e saber seu valor é fundamental.

Assim, a partir da análise da escrita, foi possível verificar e especificar figuras alegóricas que permitiram a esta, observar atentamente os nuances de viver em sociedade, estabelecendo uma reflexão sobre a produção de valores. A obra remete a uma compreensão das questões cotidianas, como o amor, a amizade e o aprendizado, bem como da existência de outros valores que possam ser compartilhados e todo aquele que devemos nos abster.

O ser humano pauta suas relações sociais em valores e tais valores podem ter natureza positiva ou negativa. Nas alegorias propostas por Saint-Exupéry, os personagens de sua ficção demonstravam características humana, degradações de sua natureza (ambição, vício, prepotência, vaidade entre outras) e a reformulação da vida promovida através de valores éticos. É fundamental para a convivência em sociedade que o indivíduo se porte de maneira adequada para o bem do coletivo.

Partindo da necessidade de permanente evolução humana, os ensinamentos apresentados em *O Pequeno Príncipe* forneceram princípios indispensáveis na construção de ideais sociais que potencializam a educação, pois são capazes de gerar mudanças no comportamento transformando seu meio social.

Assim, concluo este trabalho, considerando que as análises desenvolvidas nas alegorias presentes em *O Pequeno Príncipe* cumpriram com os objetivos propostos, possibilitando a aplicação de valores presente na obra de serem aplicados como elementos de valor educacional. Dessa forma, a leitura da obra pode ser fruída também com um viés

humanizador e educacional. Ser um conto de fadas em nada diminui a obra, mas ser um conto infantil do qual todos podem retirar ensinamentos, em prol de uma sociedade melhor, amplia ainda mais o escopo da obra e da literatura como um todo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: M. Fontes, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.
- CARVALHO, L. C. L. M. de. **Ética e Cidadania**. Disponível em: https://www.almg.gov.br/export/sites/default/educacao/sobre_escola/banco_conhecimento/arquivos/pdf/etica_cidadania.pdf. Acesso em 27 jun. 2020.
- CARVALHO, M. V. **Vieira e a construção alegórica**. Revista Graphos, v. 9, n. 1, 1 jan. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/4724>. Acesso em 02 out. 2020.
- CARVALHO, MV. **Vieira e a alegoria dos teólogos e do Renascimento**. In: MEDEIROS, A., org. Travessias pela literatura portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2013, pp. 207-240. ISBN 9788578792794. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org> All
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/502947/mod_resource/content/1/ENP_155/Referencias/Convitea-Filosofia.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.
- CECHINEL, M. A. **Desenvolvimento moral: conhecendo as concepções dos acadêmicos do curso de Pedagogia sobre a formação de valores**. 68 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, 2018. Disponível em: <https://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2338>. Acesso em 14 ago. 2020.
- CEIA, Carlos. **Alegoria. E-dicionário de Termos Literários (EDTL)**. coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/alegoria>. /Acesso em 10 mai. 2020.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n08en11>. Acesso em: 10 set. 2020.
- DIAS, M. O. **Ética, organização e valores ético-morais em contexto organizacional**. Revistas UCP, 2014. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/gestaoedesenvolvimento/article/view/259>. Acesso em: 01 ago. 2020.
- FREITAS, Jorge de. **Considerações sobre alegoria, a partir de João Adolfo Hansen em alegoria: construção e interpretação da metáfora**. Revista Versalete, 2014. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol2-03/249JorgeDeFreitas.pdf>. Acesso em 18 mai. 2020.
- FREITAS, Mauro Ricardo de. **Uma abordagem filosófica da obra O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry**. Theoria.com, 2015. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao17/02172015RT.pdf>. Acesso em 16 mai. 2020.

GINETTI, Emerson. **A crise dos valores éticos segundo Max Scheler**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11839>. Acesso em: 01 set. 2020.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo, SP: Hedra: Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4412154/mod_resource/content/1/Alegoria%20-%20Estado%20da%20Quest%C3%A3o.pdf. Acesso em 16 mai. 2020.

HEERDT, Mauri Luiz.; LEONEL, Vilson. **Metodologia científica e da pesquisa: livro didático**. – 5. ed.rev. e atual. – Palhoça :UnisulVirtual, 2007. 266 p.: il.; 28 cm. Disponível em: http://www.fatecead.com.br/mpc/aula01_ebook_unisulvirtual.pdf. Acesso em 05 mai. 2020.

IZYCKI, Eduardo Arthur. **Ética e Direito**. UFPR, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/43428>. Acesso em 02 ago. 2020.

LONGO, Bryan. **Valores éticos: o que são, lista e exemplos**. Revista Eletrônica Psicologia Online, 2020. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/valores-eticos-o-que-sao-lista-e-exemplos-482.html>. Acesso em 22 ago. 2020

LOZARDO, Elielson P. **Leitura comparativa entre os textos literário e cinematográfico O Pequeno Príncipe**. UFPA, Belém, 2014. Disponível em: http://www.coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/15_ELIELSON_LOZARDO.pdf. Acesso em: 14 mai. 2020.

LUCAS, Lucken B.; PASSOS, Marinez M. **Filosofia dos valores: uma compreensão histórico-epistemológica da ciência axiológica**. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 123-160, set./dez. 2015. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3200>. Acesso em 19 ago. 2020.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cultrix, 2004. Disponível em: <https://dokumen.tips/download/link/massaud-mois-es-dicionario-de-termos-literarios>. Acesso em: 14 jun. 2020

MOTTA, Alexandre de M. **Metodologia da pesquisa jurídica: o que é importante saber para elaborar a monografia jurídica e o artigo científico**. Tubarão: Copiart, 2012.

NIEDERAUER, Silvia Helena P. **Ao viés da história: Política e Alegoria no romance de Érico Veríssimo e Moacyr Scliar**. PUCRS, 2007. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2232>. Acesso em: 22 mai. 2020.

SAINT-EXUPERY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2005. Disponível em: https://5ca0e999-de9a-47e0-9b77-7e3eeab0592c.usrfiles.com/ugd/5ca0e9_4f0dc25362284aa6b917c93a1e1708ba.pdf. Acesso em 01 mai. 2020.

SILVA, Francimar F. **Imaginário e realismo fantástico em Saint’Exupéry: Aspectos de valores existenciais e humanização na obra O Pequeno Príncipe**. UEPB, 2017. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15599>. Acesso em: 15 mai. 2020

SILVA, M. O. L et al. **Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação**. In: Encontro de Pesquisa em Educação, 6., 2010, Teresina. Anais... Disponível em <https://docplayer.com.br/10665612-Etnografia-e-pesquisa-qualitativa-apontamentos-sobre-um-caminho-metodologico-de-investigacao.html> . Acesso em 08 mai. 2020.

SOUKI, Zahira. Alegoria: **A linguagem do silêncio**. Revista Mediação. FUMEC, 2006. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/251>. Acesso em 02 set. 2020

SOUZA, Adriana Vieira de. **Muito além do que se vê: a alegoria, em Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago**. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/6454#:~:text=RiUfes%3A%20Muito%20al%C3%A9m%20do%20que,a%20cegueira%2C%20de%20Jos%C3%A9%20Saramago&text=Cita%C3%A7%C3%A3o%3A,a%20cegueira%2C%20de%20Jos%C3%A9%20Saramago>. Acesso em: 12 set. 2020

VALLS, Álvaro L. M. **O que é Ética**. Ed. Brasiliense, 1986. Disponível em: <http://www.institutoveritas.net/livros-digitalizados.php?baixar=196>. Acesso em: 01 ago. 2020. Acesso em: 16 mai. 2015.